

OCUPAÇÃO CAÇADORA E COLETORA NO PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO

HUNTER-GATHER OCCUPATION IN THE BRAZILIAN CENTRAL PLATEAU

Santiago Wolnei Ferreira Guimarães¹

Resumo

As pesquisas arqueológicas sobre o Planalto Central do Brasil indicam a existência de uma tradição lítica que se teria disseminado dentro desta área no Pleistoceno final. Esses estudos implicam uma relação entre esta dispersão e o meio ecológico característico da área em questão. Entretanto, a introdução de outros dados, correspondentes ao lado mais a oeste desta área, mostram uma variação tecnológica, indicando problemas ao se relacionar toda a área do Planalto Central à uma possível homogeneidade cultural. Pretendemos sustentar a ideia de que existiu uma diversidade cultural durante o Pleistoceno final como uma maneira de ampliar as discussões sobre o povoamento do Brasil no período pré-histórico.

Palavras-chave: caçador-coletor, Pleistoceno final, tradição.

Abstract

The archaeological researches on the Central Plateau of Brazil indicate the existence of a lithic tradition that would have been dispersed in this area during the Terminal Pleistocene. These studies imply a relation between this scattering and the typical ecological environment of that area. Data corresponding to the west side of the plateau display, however, a technologic variation which indicates problems for relating the totality of the Central Plateau to a possible cultural homogeneity. We intend to support the idea that it has existed a cultural diversity during the terminal Pleistocene as a way of broadening discussions about settlement of Brazil in the prehistoric period.

Keywords: Hunter-gather, terminal Pleistocene, tradition.

¹ Membro do Grupo Quaternary Prehistory - Portugal. E-mail: santiago.wolnei@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A imersão e adaptação de grupos humanos dentro de uma área é tema pertinente na arqueologia. Seu estudo está ligado às estratégias estabelecidas pelas culturas para a sobrevivência em meio aos novos ambientes, mas também pode se tornar um instrumento útil para o fortalecimento das identidades, um discurso empreendido, em grande parte, pelos próprios arqueólogos.

Já existem muitos quadros relativos à ocupação do Planalto Central em períodos bastante recuados, mas a inserção de novos dados ou questões deve sempre ser realizada no intuito de se refutar as hipóteses já estabelecidas. É esse o sentido que se pretende alcançar através deste ensaio: discutir as possibilidades de se caracterizar o espaço pré-histórico do que se delimita como Planalto Central brasileiro e pensar como se dera a relação entre o homem e o meio ambiente no momento de ocupação inicial.

Para essa questão já existem respostas que permitem inferir quais teriam sido os artefatos produzidos pelas primeiras populações (SCHMITZ, 2002), bem como quais eram os recursos, mas não como teria se dado a adaptação desses primeiros grupos, considerando a diversidade do material encontrado.

Deve-se reiterar que as datações de maior amplitude obtidas para os restos orgânicos humanos encontrados no Brasil central, de aproximadamente 12.000 B.P., não podem ser um fator delimitador para o início das ocupações, já que existem quase uma dezena de sítios polêmicos que ultrapassam esse período (FOGAÇA; LOURDEAU, 2007), a citar as indústrias líticas e as fogueiras do sítio Bouqueirão da Pedra Furada, no Piauí, associadas a datas além de 48.000 B.P. (PARENTI, 2001), o sítio de Santa Elina (VILHENA VIALOU, 2005), com datações entre 27.000 e 22.500 B.P. e a Lapa Vermelha IV (LAMING-EMPERAIRE, 1979), em Minas Gerais, que forneceu datações para os sedimentos em associação com um instrumento lítico, entre 25.000 e 22.000 B.P. De qualquer modo, há um grande número de dados referentes às indústrias líticas, a partir de 12.000 B.P., que permitem propor relações culturais, o que não é possível de se fazer com os instrumentos provenientes de momentos precedentes (FOGAÇA E LOURDEAU, 2007, p. 261).

Para qualquer que seja o contexto espacial desse período, é possível inferir, como sugere Prous (2000, p. 21), que as sociedades caçadoras coletoras estavam “mais dependentes dos ritmos naturais e dos quadros geográficos (climas, estações,

disponibilidade de recursos naturais) que a nossa”. Assim, uma forma de entender os grupos que viveram nesse contexto é tentar esboçar como teria sido o seu espaço, compreendendo-o como as relações que envolveriam as ações da sociedade para com o meio ambiente e o retorno do resultado dessa relação (SANTOS, 1997, p. 71).

Sendo orientados pelo organismo social, os objetos existem condicionados por um sistema de práticas capaz, também, de marcar as mudanças verificadas no espaço geográfico. O homem e o seu meio circundante se diferenciam a partir das suas relações e a principal forma de relação entre o homem e a natureza é dada pela técnica (SANTOS, 2004, p. 29). Tal fato desencadeia a caracterização de vários tipos ou formas espaciais que trazem à tona distinções culturais. Assim os objetos organizados por um dado sistema seriam correspondentes a uma família, estando associado, também, a um sistema de técnicas. O dinamismo morfológico desse sistema distinguiria as épocas ou períodos, como também as áreas pelas quais uma dada cultura técnica teria se disseminado.

Partindo-se deste viés, uma das principais perguntas que pode ser levantada diz respeito à variedade técnica que os grupos que viveram no Planalto Central poderiam ter produzido e se essa produção seria capaz de distingui-los.

Para essa questão, os estudos demonstram que havia variações entre os grupos que habitaram o planalto central e o planalto meridional brasileiro, entre 11.000 e 10.000 B.P. Enquanto em todo o Planalto Central verifica-se a produção de suportes *unifaciais* para instrumentos líticos, no sul do Brasil as indústrias denominadas Umbu e Humaitá são concebidas a partir de artefatos elaborados sobre duas ou três faces do suporte (HOELTZ, 1997). Ainda em se tratando do planalto central, os artefatos líticos apresentam-se de modo mais linear e uniforme pelos abrigos, enquanto a arte rupestre tenderia a assumir variações (SCHMITZ, 2000, p. 94). Tal fato reitera o uso de uma sistematização de modo que se possa averiguar vários elementos que compõe a cultura do caçador-coletor, compreendendo desde a arte rupestre até o mais funcional, como um raspador, para saber se há uma correlação entre esses elementos culturais. Antes de iniciar essa discussão, torna-se necessário definir o que é o Planalto Central do Brasil, para assim poder averiguar como os grupos se adaptaram durante a sua ocupação.

PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO NO FINAL DO PLEISTOCENO

Existem muitas classificações sobre o que vem a ser Planalto Central. Algumas justificam uma grande área que ocupa quase todo o país, enquanto outras delineiam apenas a área circundante à Brasília. Apesar, contudo, das várias definições criadas, o planalto central encontra-se espacialmente delimitado a partir de sua geomorfologia.

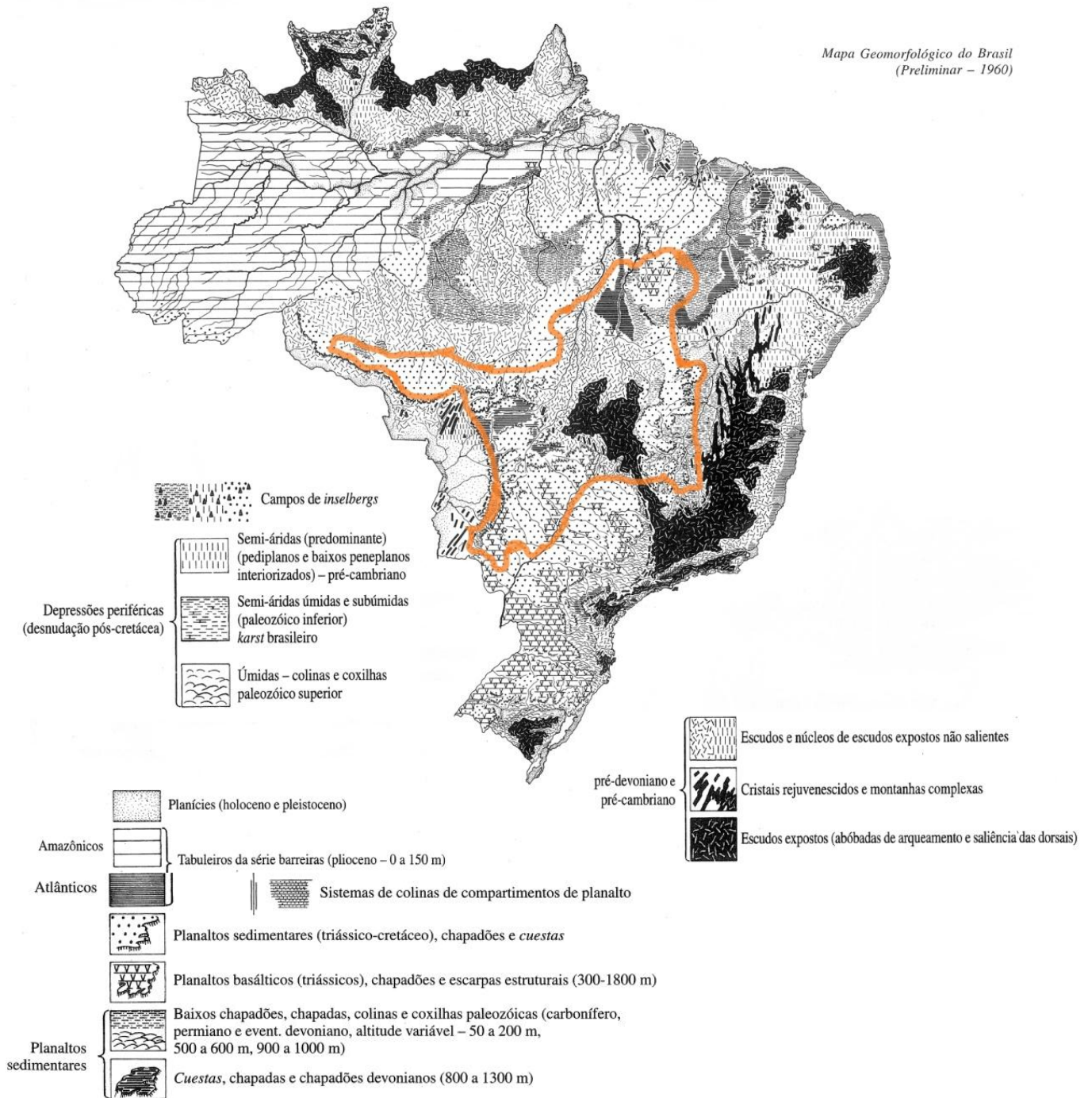
A classificação geomorfológica proposta por Ab'Saber foi útil na discussão sobre as primeiras ocupações humanas no continente Americano, realizada no I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, em 1987 (AB'SABER, 1991). Por isso, é ideal para se contextualizar, também, períodos nos quais as condições ambientais eram diferentes, como os glaciais e interglaciais do final do pleistoceno.

De acordo com Ab'Saber (2005, p. 124), o Planalto Central tem o seu corpo territorial básico centrado em três unidades geomorfológico-estruturais de grande extensão: o setor norte dos planaltos sedimentares (e/ou basálticos) da bacia do Paraná, desfeitos em um relevo de cuevas concêntricas de frente externa, com altitudes que variam entre 300 a 1100m; o altiplano de rochas antigas e estruturas dobradas do centro de Goiás (altiplano de Brasília), com velhos aplainamentos sobre a cimeira dos planaltos, constituídos através de uma série de altas superfícies aplainadas; e os planaltos sedimentares cretácios da bacia do Urucuaia, situados a noroeste de Minas Gerais e a oeste da Bahia, ladeados tanto pela depressão periférica do médio São Francisco, quanto pela depressão periférica do Paraná.

Para o geomorfólogo, essa rede de depressões interplanálticas, situadas a leste, nordeste, norte, noroeste e oeste do Planalto Central, salienta o espaço geográfico principal do domínio dos cerrados em sua área nuclear (delimitação laranjada – figura 01).

Possivelmente, esse conjunto geomorfológico deve ter influenciado as rotas migratórias dos grupos que ali viveram, em um momento que antecedeu 12.000 B.P. Como observa Prous (1992, p. 35), a partir de uma análise altimétrica, o movimento proveniente das bacias hidrográficas é divergente, o que facilitaria o movimento centrífugo, contribuindo, com isso, para a difusão cultural. Já o litoral sul brasileiro, que se encontra isolado das zonas do interior por relevos abruptos, não seria uma região permissível para se desenvolver esse tipo de movimento e interação sociocultural.

Figura 01: Mapa Geomorfológico do Brasil.



Fonte: Ab'Saber, 2005, modificado do original.

A definição de um quadro ou mapa que aporte os grupos que existiram no Planalto Central presume, antes de tudo, dados que remetam ao contexto que se pretende averiguar. Logo, se a busca for direcionada para um período antes do Holoceno, devemos pensar um ambiente ecológico distinto do atual cerrado.

Diversos trabalhos aportam condições paleoambientais do planalto central distintas das atuais, para o período do final do Pleistoceno, o último Würt IV (AB'SABER, 1977, 1991; BIGARELLA, 1982; RUBIN et al. 2011).

A partir de 23.400 anos B.P., os registros evidenciam queda acentuada dos elementos arbóreos, palustres e herbáceos até cerca de 14.800 anos B.P. A ausência de *Mauritia* a partir desta data e a queda acentuada nas concentrações dos elementos botânicos indicam um ambiente mais seco e frio (RUBIN et al. 2011).

Indícios de antigos solos pedregosos espalhados pelas antigas paisagens relacionam-se à vegetação esparsa, de troncos finos, ou cactáceas. Considerando-se a diversidade biológica do planalto, é possível concluir que apenas as caatingas, assim como alguns tipos de cerrados degradados, poderiam ter ocupado os antigos espaços de solos pedregosos, uma vez que este último período quaternário fora marcadamente seco e mais frio que os períodos posteriores (AB'SABER, 2005, p. 128).

Em torno de 11.000 anos B.P., ocorre um aumento dos elementos arbóreos e herbáceos, indicando o retorno das condições de umidade, porém ainda com temperaturas mais baixas que as atuais, evidenciado pelo registro de elementos indicadores de fases frias, além da ausência de *Mauritia* (RUBIN et al. 2011)

Como se observa (figura 01), a área do Planalto Central constitui-se de grande área dentro do território brasileiro, incluindo parte dos Estados do nordeste, onde há muitos sítios pré-históricos antigos. Dessa forma, certamente há muita complexidade dentro de todo o Planalto Central: um fator que indica diversidades. Devido à grande quantidade de dados que a área completa pode fornecer, pretendemos, por outro lado, delimitar a análise apenas à área compreendida pelos Estados do Goiás e Mato Grosso.

MODO DE VIDA E TRADIÇÃO LÍTICA

A definição de um quadro para as populações que teriam ocupado o Planalto Central brasileiro sustenta-se diretamente na aferição de que os homens pré-históricos dependiam extremamente das condições relativas ao tipo de fauna, flora, topografia e hidrografia, pois foi sob esse contexto que determinadas técnicas foram criadas (PROUS, 1992, p. 35). Nesse viés, o antigo conceito de “gênero de vida” (LA BLACHE, 1954, p. 172) pode ser aceito, uma vez que consideramos a constituição cultural de distintos grupos associada a padrões ordenados a partir do meio. Nesse caso,

o homem passa a ser bem sucedido num meio ecológico, por meio de alguma prática que justifique ser de interesse para ele, como a caça e coleta de recursos que o caracteriza como caçador e/ou coletor, bem como “o espaço geoecológico, as condições hídricas e o potencial de biomassa capazes de ofertar recursos de alimentação para os homens pré-históricos” (AB’SABER, 1991, p. 12).

Essa complexidade de relações entre o homem e os recursos parece haver criado uma Tradição específica, denominada pelos arqueólogos de Itaparica/Fase Paranaíba, que teria desenvolvido uma padronização lítica específica.

O termo “Tradição Itaparica” foi utilizado pela primeira vez a partir de pesquisas realizadas por Valentin Calderón no sítio Gruta do Padre, em Pernambuco, durante a década de sessenta do século XX (FOGAÇA E LOURDEAU, 2007, p. 262).

Nos anos setenta, estudos realizados por Schmitz, no Planalto Central do Brasil, especificamente na região de Serranópolis - GO, associaram a indústria lítica encontrada à essa tradição, além de duas fases, no qual a primeira delas, a Fase Paranaíba, seria composta por instrumentos semelhantes aos reconhecidos por Calderón (Idem). Schmitz acaba, portanto, por estender a tradição Itaparica ao contexto macroregional brasileiro, além de recuá-la para a transição Pleistoceno/Holoceno da América do Sul.

A indústria lítica da fase Paranaíba caracteriza-se, em grande parte, por lascas pequenas retiradas de seixos de quartzito (98%) e calcedônia (2%) que produziu alguns objetos retocados plano-convexos, tais como raspadores, ogivais e gumes arredondados (PROUS, 1992, p. 178).

Para Fogaça e Lourdeau (2007), entretanto, é possível perceber, em um patamar mais analítico, quatro grupos tecnológicos de instrumentos retocados, dos quais centralizaremos apenas os dois mais importantes: os “instrumentos unifaciais sobre lascas robustas” e as “lesmas”.

Os *instrumentos unifaciais sobre lascas robustas* são artefatos no qual a extremidade distal recebe delineamento variável (ogival, semi-circular, convergente em ponta axial ou desviada), modificado lateralmente, de modo que as partes do suporte original sobre a face superior sejam preservadas. Esses instrumentos parecem ser concebidos visando uma longa vida para o suporte.

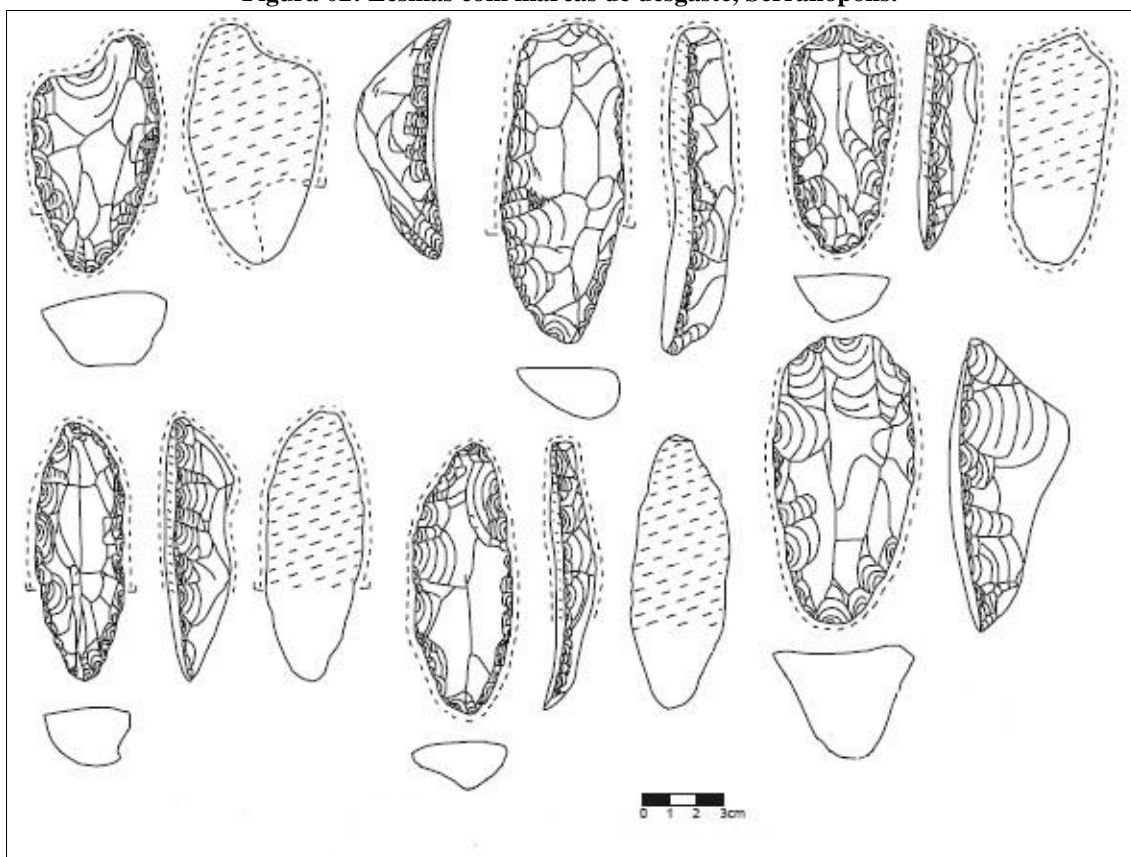
Já as *lesmas* são peças com face inferior absolutamente lisa, decorrentes da eliminação das curvaturas. Esses artefatos respondem a um rígido conceito plano-

convexo que se manifesta na elaborada modelagem da face superior, obtida por retiradas invadentes que tendem a ultrapassar a metade axial do suporte a partir de ambos os lados. As partes proximais (talão e bulbo) podem ser eliminadas, sem deixar praticamente nenhum resquício na peça final, de modo a resultar em um instrumento simétrico segundo ambos os eixos.

Para Fogaça e Lourdeau (2007) o estabelecimento dessas duas categorias no interior das indústrias ‘planoconvexas’ (ou unifaciais) é útil quando se pretende definir um marcador do período transicional Pleistoceno/Holoceno, neste caso, as “lesmas”.

A importância desta indústria contrasta a aferição de que o regime alimentar do homem do planalto central tenha sido a fauna de grande porte, como o que ocorrera na América do Norte. Para Schmitz (1990, p. 111) a falta de animais de grande porte, como o bisonte e o cavalo, por exemplo, sobre os quais poderia se criar uma economia de caça especializada, podem ter favorecido o desenvolvimento de uma economia de caça e coleta generalizada.

Figura 02: Lesmas com marcas de desgaste, Serranópolis.



Fonte: Schmitz, 2002.

Nos assentamentos localizados em grutas ou abrigos, geralmente calcários, areníticos ou quartzíticos, reuniam-se recursos minerais, vegetais e animais em nichos diversificados (SCHMITZ, 1990, p. 118), o que pode ter sido um fator de influência para a criação de acampamentos de atividades múltiplas. O regime alimentar do caçador generalizado que viveu durante a fase Paranaíba, da tradição Itaparica, identificado nos abrigos do sudoeste do Goiás, mostra-se muito variado e de todos os tamanhos (Idem), abrangendo cervos, veados, capivaras, macacos, tamanduás, tatus, tartarugas, lagartos, peixes e aves, além de ovos de emas.

Entretanto, de acordo com Kipnis (1998), a adaptação dos primeiros grupos humanos no Brasil central se deu primariamente sobre as plantas e pequenos mamíferos, pois o conjunto de artefatos líticos fora criado para a manufatura de implementos de madeira. Assim, consistia em ferramentas associadas mais ao modo de vida coletor que caçador.

INDÚSTRIA LÍTICA EM RONDÔNIA E MATO GROSSO HÁ 12.000 B.P.

Apesar da grande influência da cultura Itaparica – Fase Paranaíba no Planalto Central, teria existido uma variedade de culturas líticas com características diferentes e que seriam contemporâneas ao período em que se verifica a abrangência da fase Paranaíba. A incidência de tais indústrias verifica-se no lado oeste e noroeste do Planalto Central.

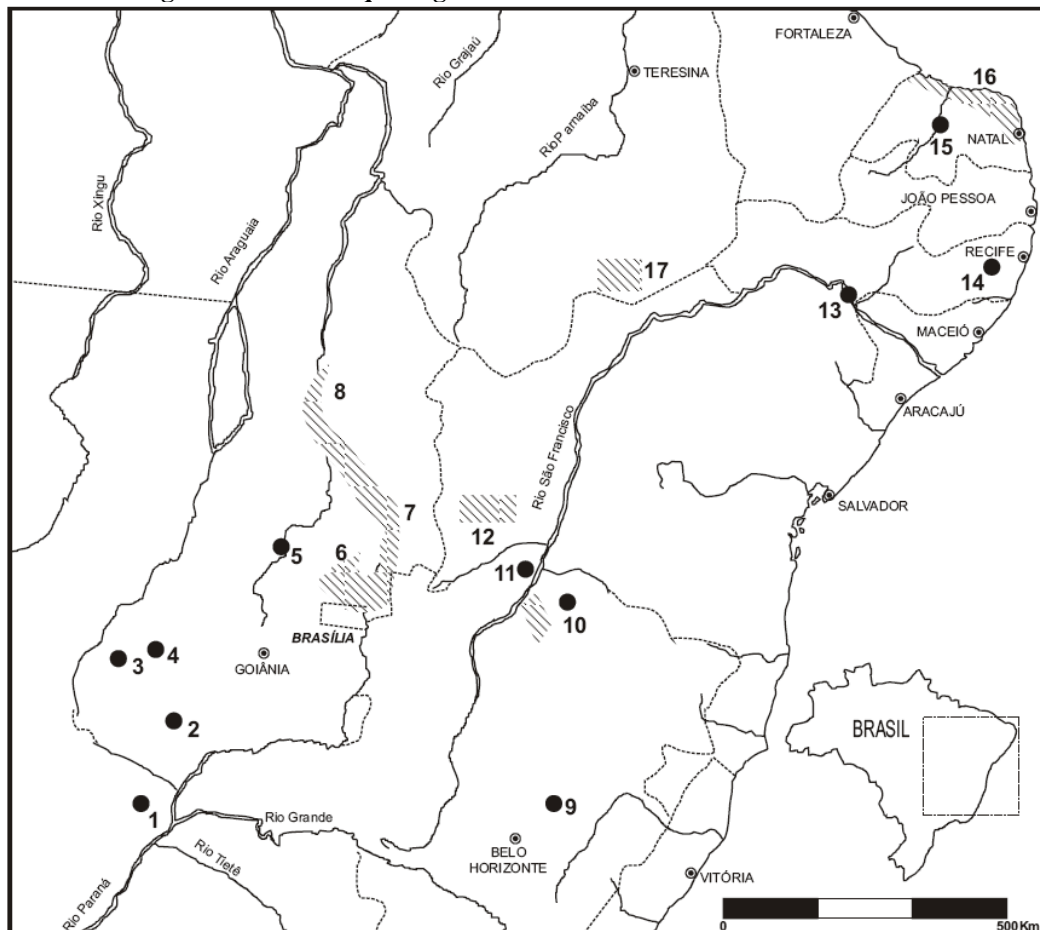
Schmitz apresenta um mapa (figura 03) que dispõe de uma base para a localização de alguns dos principais sítios no Brasil do final do pleistoceno, referindo-se à dispersão da tradição Itaparica, fase Paranaíba, que se estende do norte do Mato Grosso do Sul, adentra em Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e chega até São Raimundo Nonato, no Piauí. No entanto, não dispõe da localização de sítios de Mato Grosso, talvez por não estarem associados a nenhuma Tradição.

Alguns desses sítios encontram-se nos vales dos rios Guaporé, na encosta superior da Chapada dos Parecis (MT e RO) e nos sedimentos imersos nas águas do rio Madeira - RO (MILLER, 1987, p. 39), bem como nas proximidades do município de Jangada - MT, na cadeia montanhosa da Serra das Araras, localizado num dobramento sinclinal calcário do Pré-cambriano (VIALOU et al., 2005).

Os dois sítios, localizados no norte do Mato Grosso e em Rondônia, compreendem o Complexo Dourado – MT-GO-01(Abrigo do Sol) e RO-RO-07 – e se distribuem numa extensão geográfica mínima de 300 km contínuos dentro do Refúgio Guaporé, ao longo da porção superior da encosta ocidental da Chapada dos Parecis, paralelo ao médio rio Guaporé (MILLER, 1987, p. 57).

Os artefatos recuperados desses sítios são feitos com a matéria lítica primária existente nas paredes areníticas e nos tetos dos próprios abrigos. As lascas foram resultantes de percussões em basalto. Seis dessas lascas, de forma sub-circular, com 4,2 a 6,3cm de eixo maior, apresentam um lado desgastado por fricção resultante do desgaste na execução de petroglifos.

Figura 03: Sítios arqueológicos do início do Holoceno no Brasil Central.



Mapa 1: Sítios arqueológicos antigos nas savanas tropicais: 1. Alto Sucuriú, MS; 2. Serranópolis, 3. Rio do Peixe; 4. Caiapônia, 5. Uruaçu, 6. formadores do rio Tocantins, GO; 7. Rio Paranã, 8. UHE Serra da Mesa, TO; 9. Serra do Cipó, 10. Varzelândia, 11. Vale do Peruçu, MG; 12. Serra Geral, BA; 13. Itaparica, 14. Bom Jardim, PE; 15. Rio Açú, 16. Litoral, RN; 17. São Raimundo Nonato, PI.

Fonte: Schmitz, 2003.

Os instrumentos são poucos e compreendem lascas com abrasão ou retoques por pressão, lâminas de bifaces lascadas por percussão, raspadores altos em basalto, quartzito e arenito metamórfico com retoques laterais, raspadores baixos de secção triangular, percutores em seixos com uma extremidade ativa em quartzito, quartzo e granito.

A matéria-prima mais usada foi o basalto (púrpura a avermelhado) e o quartzito (várias cores). O quartzo (leitoso), a calcedônia (creme), o granito, a biotita e o arenito silicificado também foram encontrados, mas em menor quantidade. As datações dos artefatos dispostos nas camadas apresentaram datas em torno de 14.700 ± 195 à 8.930 ± 100 B.P. para o Abrigo do Sol.

Somado à este sítio, verifica-se a existência do Complexo Periquitos, área onde foram encontrados um biface lítico lanceolado, resultante de um lascamento por percussão, algumas lascas e pequenos seixos em quartzito, sem retoque. Todas essas evidências apresentam-se encobertas, parcial ou totalmente, por concreções laterítico-argilosas ou argilosa-areníticas densamente cimentadas, com pedregulhos pequenos (MILLER, 1987, p. 60-61). As datações diretas, neste caso, não foram possíveis, mas sabe-se que se encontram em camadas de 13.000-12.000 B.P.

Outro abrigo, em Santa Elina-MT, localizado à 100 Km do noroeste de Cuiabá, apresenta uma longa sequência estratigráfica, com ocupações humanas que vão desde 23.320 ± 1.000 B.P. e 22.500 ± 500 B.P. até 2000 B.P. (VIALOU *et al.* 2005).

Nos conjuntos estratigráficos no nível – II, período entre 10.000 e 9.000 B.P., foi analisada uma ocorrência com numerosas peças (mais de 300) de uma indústria lítica, além de cinzas, carvões e fogueiras. A característica principal dessa indústria é a frescura das lascas e a escolha de um lascamento intensivo sobre blocos de diferentes rochas como calcário, sílex e quartzito. As características dessas indústrias são bastante específicas, de modo que não se possa vinculá-las a nenhuma “tradição”.

ARTE RUPESTRE

Embora seja ricamente contemplado com painéis de arte rupestre, o Estado de Goiás, para o início do Holoceno, há aproximadamente 11.000 anos atrás, apresenta como principais referências para Tradições apenas a região de Serranópolis e Caiapônia.

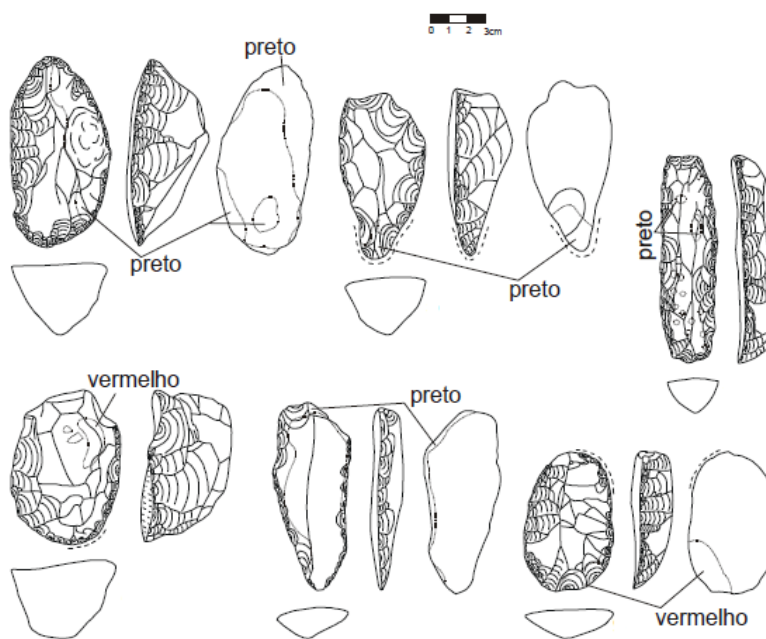
Entretanto, há outros sítios com arte rupestre, principalmente no Mato Grosso, que apresentam dados distintos dos demais.

O termo Tradição, no âmbito da arte rupestre que fora pesquisada no Goiás, seria um conjunto que apresenta uma temática e/ou elementos técnicos idênticos dispostos em uma grande difusão territorial (SCHMITZ, 1984, p. 08). Já o estilo, ou fase, é um conjunto de sítios situados dentro de uma tradição que apresenta características bastante semelhantes (Idem).

De acordo com Schmitz, “as pinturas provavelmente foram feitas por todos os grupos que ocuparam sucessivamente os abrigos, embora não se possa identificar hoje qual dos grupos fez uma figura ou uma gravura determinada” (1984, p. 17). Apesar disso, há fortes indícios de que essas manifestações visuais tenham se iniciado ao menos à 10.500 B.P., pois sabe-se que há instrumentos manchados de tinta vermelha, quando não raramente amarela, preta e branca, da mesma forma como aparecem nas camadas estratigráficas médias e superiores (Idem) (figura 04).

Essas duas regiões, Caiapônia e Serranópolis foram vinculadas às tradições Planalto e São Francisco, respectivamente, no qual o estilo da primeira fora denominado de Caiapônia, enquanto o segundo, é o estilo Serranópolis.

Figura 04: Lesmas com manchas pretas e vermelhas, Serranópolis.



Fonte: Schmitz, 2002.

O estilo *Caiapônia* (figura 05) caracteriza-se por representações em que o movimento, a criatividade e a liberdade são tematizados, características próprias da tradição Planalto, apresentadas por Prous (1992).

Figura 05: Estilo Caiapônia.

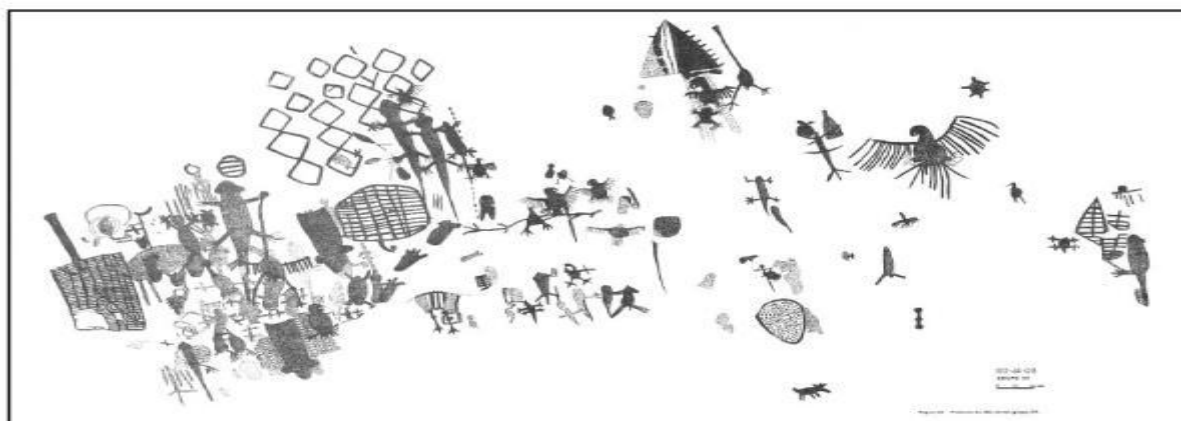


Nos paredões verticais existem representações de animais como veados, antas, tatus, tartarugas, onças, aves, macacos correndo em círculo, peixes aos pares ou em cardumes e cenas da vida e caça em grupo. Já os pequenos abrigos apresentam geralmente muitos riscos, de modo que as paredes e os tetos irregulares sejam decorados por completo (SCHMITZ, 1984, p. 20).

O estilo *Serranópolis*, por outro lado, apresenta imagens do que seriam animais como o lagarto, o tatu, a tartaruga, macaquinhos, o veado, a ema, a seriema, as araras e os papagaios, que são representados de modo estático e muitas vezes justapostos e repetidos, mas que não formam cenas (figura 06).

Nos lugares altos, em cima de plataformas de difícil acesso, estão dispostas as figuras pontilhadas, enquanto nas paredes verticais, aproximadamente na altura dos olhos, se encontram as figuras cheias e mais bem acabadas.

Figura 6: Estilo Serranópolis.



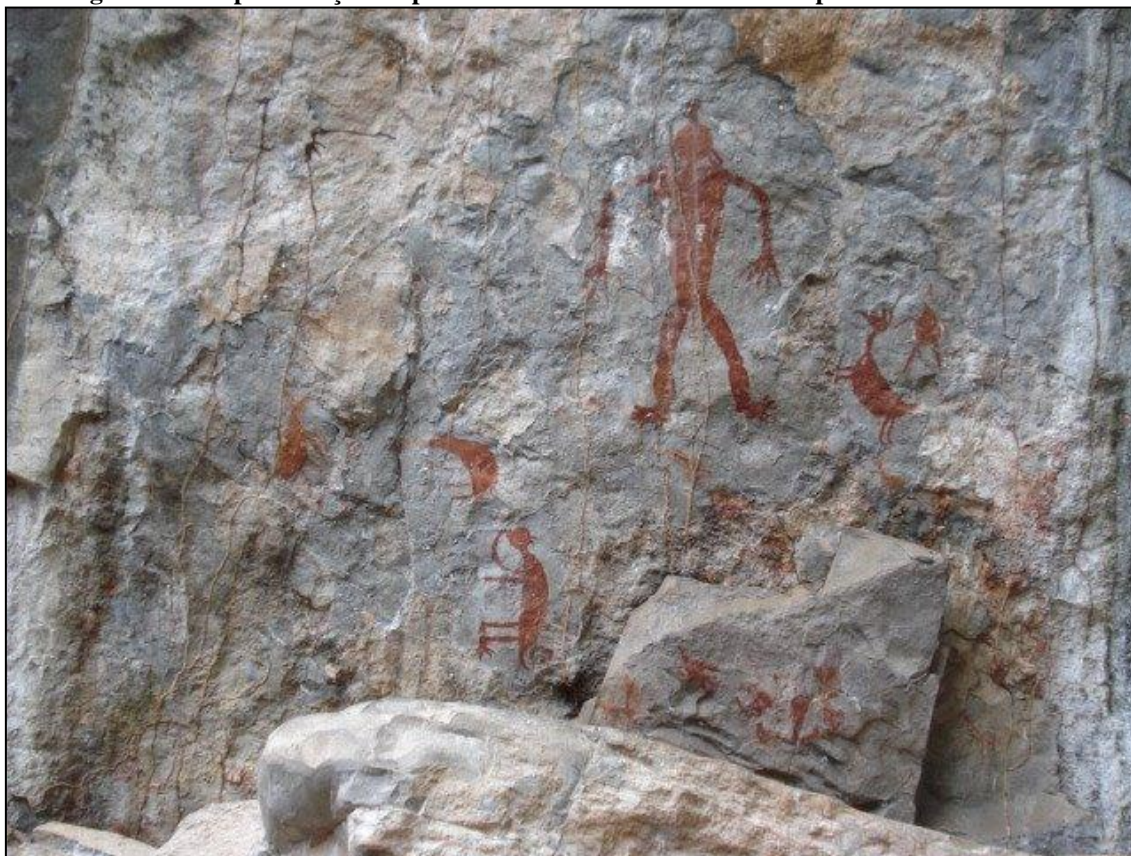
As figuras humanas são raras, mas pisadas humanas aparecem com frequência. Há, também, figuras geométricas variadas que podem ser círculos, elipses, óvalos, triângulos, retângulos e losangos, vazios, preenchidos ou combinados por linhas retas, quebradas ou curvas.

Essa tradição se aproxima da São Francisco pelo tipo das figuras, considerando-se, principalmente, as suas formas estáticas.

ABRIGO SANTA ELINA - MT - PINTURAS RUPESTRES

No sítio de Santa Elina - MT, observa-se a presença de blocos manchados de pigmento vermelho e de bastões de corantes, no período entre 10.000 e 7.000 B.P., o que corrobora para se pensar que as práticas pictográficas já eram uma realidade no abrigo, apesar de se poder associar “diretamente a um ou outro período de ocupação” (VIALOU et al., 2005, p. 11-12).

Figuras 07: Representações rupestres em Santa Elina - MT: antropomorfos e zoomorfos.



Fonte: O autor.

A maioria das representações está localizada a menos de 2 m de altura e a conservação dos pigmentos varia de acordo com a localização das representações. A maioria dos desenhos, cerca de 80%, se faz por representações constituídas por traços executados por instrumentos e dedos.

Os pigmentos minerais, tais quais a hematita, utilizada para o vermelho, e o óxido de manganês, para o preto, eram reduzidos a pó diluídos em água. As cores marrons, alaranjadas ou amareladas resultaram de misturas com outros elementos e vegetais.

As representações vermelhas são majoritárias e depreendem 40 % a 50 % de todas e se constituem quase que totalmente de sinais. As representações laranjas também referem-se à sinais, particularmente angulares e lineares.

As representações pretas, as segundas em número, referem-se a sinais não-angulares e algumas representações humanas. Já a cor violeta compreende basicamente apenas representações de figuras humanas, animais e representações indeterminadas de grandes dimensões.

Não há como associar diretamente as representações rupestres de Santa Elina à outros Estilos ou Tradições, pois os traçados lineares, curvilíneos e retilíneos, além das representações de antropomorfos e zoomorfos não encontram formas análogas em outros sítios (VIALOU et al., 2005, p. 247).

TERRITÓRIO DO PLANALTO CENTRAL

De acordo com os dados apresentados neste ensaio, concluimos não ser possível associar diretamente toda a área do Planalto Central brasileiro a uma única classificação cultural. De outro modo, é possível configurar uma divisão territorial simples, de modo que seja possível observar a existência de áreas que teriam sido ocupadas por grupos com características específicas, indicando um mosaico de culturas distintas.

O Estado de Mato Grosso constitui-se de modo diferencial dentro da área de estudo, pois sabe-se que, tanto os achados encontrados no sítio “Complexo Dourado”, quanto os achados do sítio abrigo Santa Elina, não se associam aos da tradição Itaparica/Paranaíba, ainda que estejam situados dentro do mesmo período (em torno de 14.000 à 9.000 B.P.), ou seja, são territórios diferenciados por culturas distintas daquelas encontradas no Goiás.

A arte rupestre apresenta recorrências, como também especificidades, em cada sítio. Essa variedade dentro da arte rupestre não parece destoar daquela que se verifica na indústria lítica característica de grande parte dos sítios. Neste caso, novamente o sítio do Mato Grosso modifica-se em relação aos sítios do Goiás, tanto na temática quanto na técnica (tabela 01).

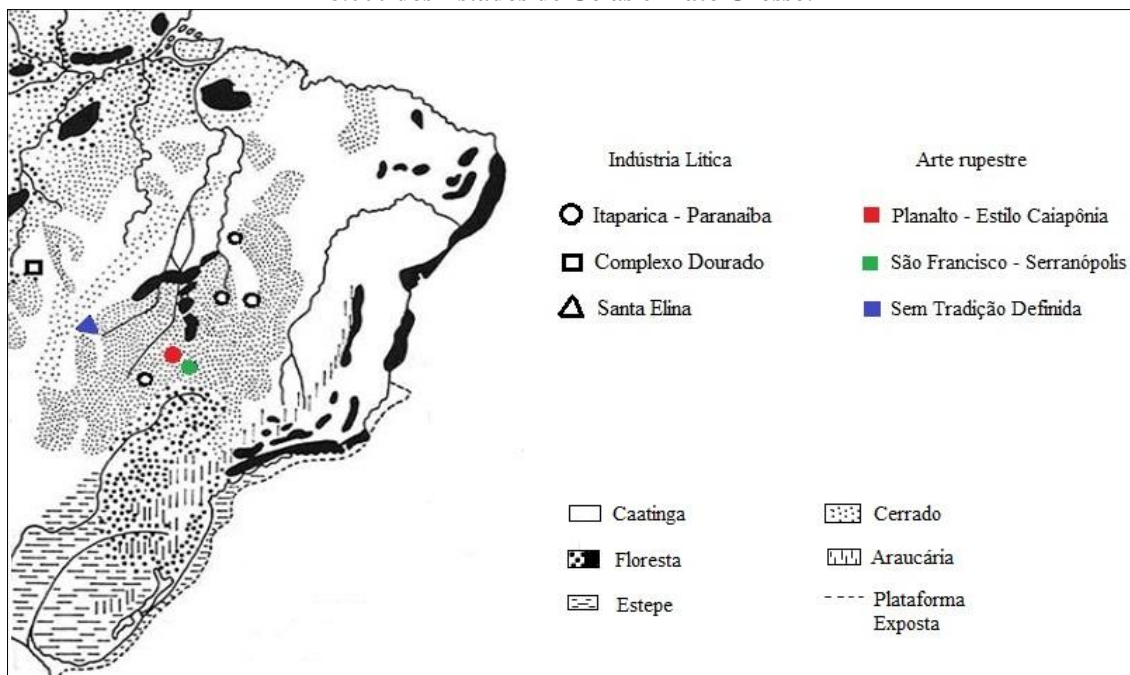
Tabela 01: Sistematização das tradições existentes Goiás e Mato Grosso, no Pleistoceno Final.

	Indústria Lítica	Arte Rupestre
Goiás (Caiapônia)	Itaparica / Paranaíba	Tradição Planalto / Estilo Caiapônia
Goiás (Serranópolis)	Itaparica / Paranaíba	Tradição São Francisco / Estilo Serranópolis
Mato Grosso e Rondônia (Abrigo do Sol)	Sem Tradição Definida	-----
Mato Grosso (Santa Elina)	Sem Tradição Definida	Sem tradição Definida

É interessante notar que, sendo a arte rupestre um elemento de comunicação disseminador de ideias, é talvez possível que houvessem subgrupos de um grupo maior, que usavam uma mesma tecnologia lítica, mas criavam distintos corpus de significados e ideias, expressados, neste caso, pela arte rupestre.

A configuração espacial de parte das indústrias líticas e da arte rupestre dos grupos que ocuparam o Planalto Central pode ser verificada em um pequeno mapa (figura 08), adaptado de Ab'Saber (1977), que esboça aproximadamente o meio ambiente do final do Pleistoceno. Nele, é possível verificar uma tendência para a homogeneidade ecossistêmica, compreendendo basicamente a vegetação de cerrado com inserções de caatinga, num clima relativamente mais seco e frio que o atual. Esse dado leva à dedução de que o contexto ambiental não parece ter sido determinante para as escolhas humanas que levaram à especificação das culturas, ou seja, não foram cruciais para o desenvolvimento de “gêneros de vida”.

Figura 08: Mapa extraído de Ab'Saber (1977). À ele acrescentamos os sítios caracterizados pelos cinco símbolos dispostos à esquerda do mapa, que constitui o Território Arqueológico de 12.000 à 8.000 dos Estados de Goiás e Mato Grosso.



Fonte: Ab'Saber, 1977 (modificado).

As diferenças culturais existentes entre os grupos que viveram no Planalto Central no final do Pleistoceno é um indicativo de que este espaço pode ter sido ocupado por mais de um grupo distinto. Neste caso, pode ser que os grupos que habitaram o norte do Mato Grosso não sejam derivados daqueles que ocuparam o restante do Planalto Central, tendo adentrado a partir de vias distintas.

Por outro lado, a diversidade também é compreendida no seio da evolução cultural como uma resposta adaptativa que uma parte de um determinado grupo dará a um sistema de elementos que compõe um espaço de ações específico. Dessa forma, podem os diversos grupos haverem surgido de um mesmo tronco, mas diversificarem-se gradativamente, de modo a criar os caminhos que conduzirão à crescente distinção que se fará presente nos períodos subsequentes.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. Problemas das Migrações Pré-Históricas na América Latina In: Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro-1987. **Clio**. Série Arqueológica, v.1, n. 4. UFPE, Recife. 1991, p.11-14.

AB'SABER, A. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. **Paleoclima 3**, Instituto de Geografia, USP, São Paulo, SP. 1977, p.71-78.

BIGARELLA, J; ANDRADE-LIMA, D. Paleoenvironmental Changes in Brazil. In: **Biological Diversification in the Tropics**. New York: Columbian University Press, 1982, p. 27-40.

FOGAÇA, E. O povoamento do Planalto Central do Brasil. In: **Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe / Museu Arqueológico de Xingó. 2002, p. 46-56.

FOGAÇA, E.; LOURDEAU, A. Uma abordagem tecno-funcional e evolutiva dos instrumentos planoconvexos (lesmas) da transição Pleistoceno/Holoceno no Brasil Central. In: **FUMDHAMentos VII**. 2007, p 260-347.

HOELTZ, S.E. **Artesãos e artefatos pré-históricos do vale do rio Pardo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

KIPNIS, R. **Beyond Foraging and Collecting: Evolutionary Change in Hunter-Gatherer Settlement Systems**. Edited by Ben Fitzhugh and Junko Habu, New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002, p.181-225.

LA BLACHE, V. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.

LAMING-EMPERAIRE, A. Missions archéologiques franco-brésiliennes de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil - Le grand abri de Lapa Vermelha (P. L.). **Revista de Pré-História**, n. 1, 1979: 53-89.

MILLER, E. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. In: **Estudios Atacamenõs: Investigaciones Paleoindias al sur de la línea ecuatorial**. Universidade Del Norte, Chile. 1987.

PARENTI, F. **Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, évolution culturelle**. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 2001. p. 322.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.

PROUS, A. Arqueologia. Pré-História e História In: TENÓRIO, Maria Cristina. **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RUBIN et al. Arqueologia e paleoambiente em áreas de cerrado. **Habitus**, v. 9, p.49-59. 2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2004, p.392.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHMITZ, P; BARBOSA, A; RIBEIRO, M e VERARDI, I. **Arte Rupestre no Centro do Brasil: Pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia**. São Leopoldo, RS: Instituto Anchieta de Pesquisas UNISINOS, 1984.

SCHMITZ, P. O Povoamento do Planalto Central do Brasil 11.000 a 8.500 anos A.P. **Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó**. Canindé do São Francisco, SERCORE, 2003, p. 27-45.

SCHMITZ, P. Caçadores-Coletores do Brasil Central. TENÓRIO, Maria Cristina. **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

VIALOU. A. **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: Santa Elina. EDUSP, 2005.